



**SER PROFESSOR NO PIBID: um espaço heterotópico na instituição
de ensino**

**BEING A TEACHER AT PIBID: a heterotopic space in the teaching
institution**

**SER DOCENTE EN PIBID: un espacio heterotópico en la institución
educativa**

Angélica Cristina Rivelini-Silva¹ & Moisés Alves de Oliveira²

Resumo: O presente artigo propõe uma análise do espaço discursivo de formação inicial de professores no PIBID/Química de uma universidade federal, com o objetivo de entendê-lo enquanto espaço de práticas e formação de sujeitos. As análises de deram como base nas práticas discursivas dos bolsistas. Fundamentados teórica e metodologicamente em Foucault, busca-se os modos que permitem ao PIBID ser entendido como uma heterotopia e o tornam um espaço de multiplicidades e de experiências. No processo de serem/estarem PIBIDianos os bolsistas são tão produtores dos discursos e das materialidades que produzem e põe em circulação, tanto quanto o próprio projeto institucionalizado.

Palavras-chave: PIBID. Heterotopia, dispositivo, formação inicial de professores.

¹Dra. Angélica Cristina Rivelini-Silva professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), integrante do Grupo de Pesquisa – Laboratório de Inovação Didática e Tecnológica no Ensino de Química (LIDTEQ). ORCID iD: 0000-0003-1050-8003. Email: arivelini@utfpr.edu.br.

² Dr. Moisés Alves de Oliveira é doutor professor na Universidade Estadual de Londrina (UEL), integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais da Ciência e Educação (GECCE). ORCID iD: 0000-0003-0102-9385. Email: moises@uel.br.

Abstract: This article proposes an analysis of the discursive space of initial teacher education in the PIBID/Chemistry of a federal university, with the objective of understanding it as a space for practices and formation of subjects. The analyzes were based on the discursive practices of the scholarship holders. Theoretically and methodologically based on Foucault, we seek ways that allow PIBID to be understood as a heterotopia and make it a space of multiplicities and experiences. In the process of being PIBIDians, the scholarship holders are as much producers of the discourses and materialities they produce and put into circulation, as much as the institutionalized project itself.

Keywords: PIBID. Heterotopia, device, initial teacher education.

Resumen: Este artículo propone un análisis del espacio discursivo de la formación inicial docente en el PIBID/Química de una universidad federal, con el objetivo de comprenderlo como espacio de prácticas y formación de sujetos. Los análisis se basaron en las prácticas discursivas de los becarios. Con base teórica y metodológica en Foucault, buscamos caminos que permitan entender el PIBID como una heterotopía y convertirlo en un espacio de multiplicidades y experiencias. En el proceso de ser PIBIDianos, los becarios son tanto productores de los discursos y materialidades que producen y ponen en circulación, como del propio proyecto institucionalizado.

10

Palabras clave: PIBID. Heterotopía, dispositivo, formación inicial del profesorado.

INTRODUÇÃO

Estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos (FOUCAULT, 2015, p. 429).

A construção do espaço discursivo que constitui e envolve o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), nas instituições de ensino superior (IES), são espaços fecundos para discussão e análise dos dispositivos que regulam seus modos de funcionamento e o processo de ser/estar bolsistas do programa. Embasados no pensamento do filósofo Michel Foucault propõe-se uma análise das práticas discursivas observadas e registradas nas atividades rotineiras de um dos subprojetos PIBID-Química de uma universidade federal do interior do Paraná.

Para esta proposta a construção do espaço discursivo do programa é estudado como meio de compreender os processos de formação do espaço como

uma heterotopia, uma vez que é a partir do “momento em que se pode analisar o saber em termo de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, [que] pode-se aprender o processo pelo qual o saber funciona como poder e produz os seus efeitos” (FOUCAULT, 2013o, p. 251). São os efeitos do pertencimento ao espaço discursivo do PIBID e os posicionamentos estabelecidos que foram analisados nas práticas do grupo.

Como isso, busca-se um entendimento para os modos em que as práticas discursivas e não discursivas que envolvem os bolsistas do subprojeto vão construindo um espaço heterotópico, espaço de contestação e oposição ao instituído na licenciatura do curso ao qual o PIBID está vinculado.

POR UM COMEÇO heterotópico

A palavra heterotopia como ferramenta filosófica, foi utilizada por Foucault e pode ser compreendida como os espaços com múltiplas camadas de significação e cuja complexidade não podem ser vistas imediatamente. O conceito de heterotopia foi desenvolvido por Foucault, pela primeira vez no livro “As palavras e as coisas”³ ao descrever uma “desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis” quando fala da improvável e fascinante enciclopédia chinesa inventada por Borges que classificava os animais de forma controversa (DEFERT, 2013, p. 35).

Ele também a apresentou em uma série radiofônica chamada de “Cultura Francesa”, para a qual fora convidado à falar sobre utopia e literatura em 1966, a partir desta série recebeu um convite para uma conferência sobre estudos da arquitetura na Tunísia, essa fala aconteceu no ano 1967, mas o texto resultante só recebeu autorização para ser publicado em 1984. Outros dois textos foram publicados por Defert⁴ e chegam ao Brasil em 2013, “O corpo utópico” e “As heterotopias”, que retomando as ideias dos trabalhos anteriores.

³ O livro *As palavras e as coisas*, foi publicado em 1966, o exemplar que utilizamos nesse trabalho é a 8ª edição, impresso em 1999.

⁴ Daniel Defert companheiro de Michel Foucault, foi quem preparou e publicou os textos.

Nesses textos, Foucault apresenta a heterotopia como uma utopia⁵ realizável, localizável e experimentável. A utopia seria, pois, um lugar fora de todos os lugares, mas o lugar onde se teria a beleza, a retidão, a limpeza, a luz, a transparência e a potência. O lugar dos sonhos, das fadas, dos duendes, dos monstros, e das possibilidades infinitas de progresso e superação (FOUCAULT, 2013g).

O conceito foi usado por Foucault no âmbito da literatura, ao afirmar que ela “seria uma via de acesso entre a linguagem e o sujeito” (MIRANDA e NAVARRO, 2014, p. 116). Mas, posteriormente na transmissão radiofônica de 1966, “Foucault faz um uso totalmente diferente de sua noção de heterotopia” ela que inicialmente em as Palavras e as coisas” funciona como análise do discurso, agora serve a “análise dos espaços” (DEFERT, 2013, p. 37). Os espaços como elementos juntados de partes, de escombros de diversos outros, pertencentes a gêneros e estilos diferentes, como algo que foge às regras e normas instituídas.

As heterotopias são lugares de passagem que nos colocam em contato com muitos outros lugares (GALLO, 2007). O navio, por exemplo, não é onde se vive, mas nele se tem contato com uma variedade de locais, assim também a biblioteca, a casa de repouso, os jardins, cinemas e teatros, as colônias de férias, as festas, a escola e a universidade.

A partir do livro “Vigiar e Punir”, publicado em 1975, as análises foucaultianas sobre o espaço vão ganhando nova visibilidade ao ser encarado como “lugar de uma dupla articulação do poder sobre o corpo do indivíduo e do saber ao poder” (DEFERT, 2013, p. 46-47). Nesse contexto retoma-se as heterotopias, na escola de arquitetura de Veneza, como o estudo sobre os espaços e o chamam de “Il dispositivo Foucault⁶”. A “história dos poderes é uma história dos espaços através dos quais o poder se mostra” (DEFERT, 2013, p. 46-47), o poder não possui um lugar específico, assim “o não lugar do poder situa-se no centro de uma infinidade de localizações heterotópicas” (p. 48). A partir dessas

⁵ O entendimento de utopia seria como o imaginário, o espaço em que se realiza uma sociedade de felicidade “certas tendências consideram importante combinar uma crítica dos presentes arranjos sociais com a visão utópica de uma sociedade alternativa, na qual se realizaria o ideal de uma sociedade mais justa e igualitária” (SILVA, 2000, p. 109).

⁶ O dispositivo Foucault.

proposições a heterotopia torna-se central para as pesquisas foucaultianas, “não se combate mais o poder, doravante investido em uma miríade de localizações (dispositivos), mas a tirania das teorias globalizantes” (Idem).

Nesse sentido, Foucault fala que seria necessário

fazer uma história dos espaços - que seria ao mesmo tempo uma história dos poderes, que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do *habitat*, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico-políticas. É surpreendente ver quanto o problema do espaço levou tanto tempo para aparecer como um problema histórico-político: ou o espaço era remetido à ‘natureza’ – ao dado, às determinações primeiras, à geografia física, ou seja, a um tipo de camada ‘pré-histórica’, ou era concebido como local de resistência ou de expansão de um povo, de uma cultura, de uma língua ou de um Estado. Em suma, analisava-se o espaço como solo ou como ar; o que importava era o substrato ou as fronteiras (FOUCAULT, 2013b, p. 322).

As heterotopias funcionam segundo regras que as regulam, aqui se baseia a proposição de olhar para PIBID-Química como uma construção heterotópica ao pensar que em seu funcionamento se constroem modos de ser/estar pois, “[...] cada heterotopia tem um funcionamento preciso e determinado no interior da sociedade, e a mesma heterotopia pode, segundo a sincronia da cultura na qual ela se encontra, ter um funcionamento ou outro” (FOUCAULT, 2015, p. 432).

Propõem-se buscar nesse conceito foucaultiano, pouco explorado e controverso, outras possibilidades para pesquisas com o PIBID, ao pensá-lo como espaço de múltiplas possibilidades na contradição que se estabelece entre o institucionalizado e o heterotópico.

UM POUCO SOBRE O Pibid

O programa PIBID está entre as diversas políticas públicas e ações governamentais propostas com o intuito de melhorar a formação de professores no Brasil (GATTI, 2011). Ele foi oficialmente anunciado em julho de 2007, mas sua implantação nas Instituições de Ensino Superior (IES) ocorreu apenas em 2009, após a aprovação das propostas por um edital de seleção da CAPES. Ele traz como premissas valorizar, fomentar e fortalecer a formação inicial e continuada de professores. O Plano Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica (EB), propõem em seus textos a formação de parcerias entre as

IES e a EB por meio de cooperações que promovam novos modos para a formação de professores (VERDUM, 2014).

Com o projeto propõe-se uma formação contextualizada, focando na relação entre as teorias educacionais e as práticas docentes, sugerindo a existência de uma dicotomia entre elas. Nesse cenário, o PIBID se apresenta como política pública capaz de criar as pontes e minimizar esse distanciamento, um desejo moderno de atribuir autonomia aos bolsistas que se encontram submersos em regras institucionais.

Tendo seu funcionamento nas IES, mais especificamente nos cursos de licenciatura dessas instituições, o PIBID construiu um espaço discursivo ao se colocar como programa de formação de professores, outro em relação as licenciaturas já tão instituídas e estudadas. Ao analisar o discurso que envolve o programa e constrói seus modos ser percebesse pequenos movimentos no interior do programa, movimentos que não rompem como grandes acontecimentos, mas que são produtivos ao negarem posicionamentos instituídos e que se tornam produtores ao resinificarem os discursos totalizantes.

Analisar o espaço discursivo demanda uma maneira de olhar e de entender sua constituição, esse olhar se deu com a utilização do conceito de heterotopia, como espaço outro de formação de professores em oposição aos cursos de licenciatura. Os efeitos de pertencimento que envolvem e produzem os discursos dos bolsistas ao participarem do programa compõem o *corpus* analítico apresentado.

A pesquisa foi desenvolvida por um período de doze meses, contando com observação, registro de áudio e vídeo, além do acesso aos documentos institucionais e relatórios entregues pelos bolsistas. Contou com a participação de doze bolsistas de Iniciação à Docência (ID) alunos do Curso de Licenciatura em Química, identificados no texto como ID de 1 até 12 (ID1, ID2, ID3...), uma

Coordenadora de Gestão (CG) e uma Coordenadora de Área (CA)⁷ professoras da Licenciatura em Química⁸.

Seguindo as inspirações foucaultiana, a pesquisa se deu sem a intenção de traduzir o observado, ela funcionou como a própria história recente construindo o objeto da pesquisa ao apreender as práticas do grupo PIBID estudado. Trabalhar com as teorias de Foucault revela as possibilidades dos estudos relacionados ao espaço discursivo, ao espaço-tempo e a história que estão presentes em diversas de suas obras (2013b, 2013f, 2013g, 2013o, 2015). Essa obsessão justifica-se pelo fato de Foucault afirmar que, por meio desses estudos tenha entendido as relações existentes entre o poder e o saber.

ESPAÇO PIBID COMO heterotopia

“as heterotopias confundem a linguagem e perturbam nosso entendimento, mas, ao mesmo tempo, abrem a possibilidade de novos pensamentos, novas representações e novos insights acerca do mundo que nos rodeia”

(VEIGA-NETO, 2007, p. 249).

15

A frase de Veiga-Neto inspira olhar as práticas PIBIDianas⁹ partindo do conceito de heterotopia e perceber nelas outros modos de ser, possibilidades outras, não como uma apologia ao programa e seus objetivos que prometem melhorias no processo formativo dos futuros professores, mas como multiplicidade de relações e de outros posicionamentos frente ao instituído nas licenciaturas.

Representa ainda, olhar para o PIBID-Química e para suas práticas partindo de outras possibilidades, novas representações e buscando maneiras diferentes de

⁷ Iniciação à docência – estudantes de licenciatura das áreas abrangidas pelo subprojeto. Coordenação de área – professores da licenciatura que coordenam subprojetos. Coordenação de área de gestão de processos educacionais – professor da licenciatura que auxilia na gestão do projeto na IES.

⁸ Eles concordaram com a pesquisa e autorizaram sua realização com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

⁹ PIBIDIANOS E PIBIDIANAS – formas de chamar os participantes do programa PIBID.

pensar o mesmo nas pesquisas. E reelhar/repensar o espaço num exercício teórico em trazer o conceito de heterotopia para a situação que analisamos. Como apresentado anteriormente, a motivação para esta empreitada nasce com a percepção de pequenos movimentos no interior do programa, movimentos que não rompem como grandes acontecimentos, mas que são produtivos ao negarem posicionamentos instituídos e são produtores ao ressignificarem os espaços outrora assumidos como potentes discursos totalizantes. Dentre eles as IES, as escolas de ensino básico, os programas de formação de professores e os cursos de licenciatura.

Mas analisar o PIBID como heterotopia demanda um olhar demorado e minucioso, pois os espaços institucionais são vistos como “planificado, organizado, disciplinado, controlado. Produzir heterotopias aí significa inventar outros espaços, para além da organização e do controle instituído” (GALLO, 2007, p. 100). Fazer com que surjam outros espaços-tempos em que as relações se instituem de forma diferente permitindo que provoquem acontecimentos.

Os posicionamentos assumidos pelos bolsistas levam a compreensão do PIBID-Química, dos modos de ser professor/PIBID e as comparações que são estabelecidas na relação teoria/prática ao traçarem um outro desenho para o programa que não o previsto nos editais. Mas, como seria isso? Para explorar o PIBID com as lentes da heterotopia é preciso identificá-lo como tal, procedimento orientado pelos seis princípios descritos no conceito.

Sobre a heterotopia Foucault (2015), apresenta-a como uma “descrição sistemática que teria por objeto, em uma dada sociedade, o estudo, a análise, a descrição, a ‘leitura’[...] desses espaços” (p. 433). E a esse processo de descrição deu o nome de “heterotopologia” e associou seis princípios que precisam ser olhados ao analisar os espaços heterotópicos. Resumindo, a ‘ciência’ que estuda as heterotopias foi chamada de heterotopologia e essa por sua vez, tem seis princípios de análise. Os princípios serão apresentados no decorrer da análise.

Ao examiná-los será possível identificar as condições em que o PIBID pôde ser estudado como heterotopia. Pois, apesar de ser institucional o programa é construído por um grupo de alunos da licenciatura que desvia a média, eles criam outras relações pedagógicas, outras maneiras de fazer e ser em uma simultânea existência com os modelos instituídos. Ao criarem outras relações pedagógicas, estabelecem um regime de práticas, que funcionam no regime construído no PIBID e elas se estabelecem num conjunto exercido sutilmente no cotidiano.

Acionar o conceito de heterotopia como ferramenta para olhar o programa implica em deslocar a visão sobre o espaço que vai pouco a pouco sendo construído e demanda desvelar os posicionamentos que corriqueiramente permeiam as fronteiras e são calados por discursos de centro. O programa procura seguir seus objetivos institucionais e mantê-los em evidência, como na fala da Coordenadora CG: “Um dos objetivos do PIBID é inserir vocês nesta ‘realidade’, o que tiver de bom aproveitem para vocês o que não for, joga fora”. (Registros de campo 08/10/2013). Mas a que realidade se referia? Verdade construída à distância, na universidade, na sala do PIBID?

As relações estabelecidas entre a coordenadora e os bolsistas acionam o ‘arquivo professoral’¹⁰ e vão construindo uma verdade sobre o que é ser professor e o que funciona nessa rede. Assim, ao falar sobre a realidade da escola, a coordenadora relembra os bolsistas das discussões sobre as belezas do magistério, mas também, sobre as dificuldades enfrentadas. E ao aconselhar os bolsistas a utilizarem o que tiver de bom, ela se refere as técnicas utilizadas pelos professores supervisores¹¹ durante as aulas observadas. E ao sugerir que joguem fora o que não servir, ela os coloca em um posicionamento que se opõe ao objetivo do programa, cria uma ruptura com o discurso de que é preciso associar a teoria e a prática, essa ruptura pode ser entendida ao solicitar que eles abandonem as práticas que não condizem com o tornar-se ‘professores melhores’. O grupo constrói um outro posicionamento frente as instituições escolares, que é refletido na fala da Bolsista ID2: “Acho que nós somos capazes de dar aula melhor que estes professores que estão aí!”.

Em suas falas observasse que os bolsistas se deslocam, rompem com as evidências espaciais e temporais para fazerem surgir um espaço em que a utopia de formação de professores se materializa, se apresentando como o espaço da formação desejada. Com isso, deslizam entre as fronteiras do instituído pois ele não é o espaço da Universidade, nem tão pouco o Colégio, ele não se refere a uma instituição ao mesmo tempo que é completamente institucionalizado. O espaço

¹⁰ Arquivo professoral foi entendido como os discursos que ganham materialidade ao serem reforçados na prática de fazer pesquisa/professor. Eles, e outros tantos modos de pesquisa, a mídia e as disciplinas pedagógicas são constituintes do que chamaremos de ‘arquivo professoral’.

¹¹ São os professores do Ensino Médio que recebem os PIBIDIANOS nas aulas das escolas estaduais.

que vão construindo heterotópico não pode ser pensado/visto como o espaço do PIBID – não aquele descrito nos editais da CAPES – porque não é esse o espaço que ele ocupa. Seu espaço se constrói na produtividade e nas micro relações estabelecidas “nos entres”, entre ser licenciando e bolsista, entre o programa e a universidade, entre o programa e escola, entre os próprios bolsistas e tantos outros entres.

Os bolsistas vão projetando no PIBID o espaço ideal de formação, pois se constrói no imaginário deles e coexiste com a Licenciatura que tem seu papel bem estabelecido na formação com suas técnicas e teorias. Já o papel desse regime heterotópico é criar um outro espaço, “um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem arranjado quanto o nosso é desordenado, maldispuesto e confuso. Isso seria a heterotopia não de ilusão, mas de compensação” (FOUCAULT, 2015, p. 437-438), ao permitir aos bolsistas que se coloquem em um espaço discursivo de formação de um professor melhor que aquela que não está no PIBID, e ainda, melhor que o professor que já está na escola e é criticado por suas práticas docentes. O bolsista se percebe em um espaço que compensa a ou amplia seu processo formativo.

Foucault (2015), descreve que cada heterotopia tem um funcionamento preciso e determinado no interior da sociedade. Essa intervenção de Foucault nos serve à perfeição para a discussão do funcionamento do PIBID. Chamemos esse espaço determinado de *dispositivos pedagógicos*¹² na sua função cirúrgica de regular o funcionamento do PIBID. Os bolsistas e as coordenadoras criam seus dispositivos e os fazem trabalhar como centralidade no processo de formar professores, eles são relacionados à didática, à avaliação e aos modos de ensinar colocados em cena e acionados como verdades do ser um bom professor.

Observando a fala de um bolsista.

[...] tentar experimentar um pouco da aula de um modo diferente; estar um pouco mais perto da realidade em uma sala de aula; aprender de um modo diferente. Participar do PIBID, acredito que será um aprendizado totalmente único, que irá me

¹² Dispositivos pedagógicos foram pensados como qualquer espaço em que se permite a constituição ou transformação da experiência de si. “Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo” (Larrosa, p. 57). O processo de tornar-se bolsista com caráter pedagógico que implicariam no estabelecimento de caminhos para a realização de uma formação do sujeito.

proporcionar um destaque maior, comparado com meus colegas [...], esse destaque está relacionado a experiência que irei vivenciar. (Relatório anual, Bolsista ID3).

Ele se coloca como ator de uma grande rede de significações, em que, como membros do grupo estão em outros espaços, e que agora, terá mais destaque com os colegas no Câmpus. A heterotopia PIBIDiana cria uma condição de pertencimento e de função em relação aos seus participantes e o todo da universidade. Seu funcionamento se estabelece ao criar a condição que permite aos bolsistas experimentar ser/estar professor no programa e poder com isso reforçar os discursos que por lá circulam, como o de ser um espaço destinado a formação de professores que inter-relacionam as teorias a prática ao vivenciarem mais momentos nas escolas parceiras.

A heterotopia tem o “poder de justapor em um só lugar real vários espaços e só são possíveis pois se oferecem sob a forma de relações de posicionamento” (FOUCAULT, 2015, p. 241). Os meios que levam a relação de posicionamento, quais os outros espaços que atravessam e como se relacionam é o que procuramos entender/conhecer, pois são eles, em seus acontecimentos, que vão constituindo o espaço PIBID.

Esses acontecimentos são a multiplicidade que admite diversos termos heterogêneos, que estabelecem conexões, e a relação entre eles e dão a condição do que Deleuze chamou de co-funcionamento (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 9). A justaposição de espaços e seu co-funcionamento é pensado ao entendermos o espaço PIBID/Ap como atravessado por outros espaços e posicionamentos. Precisamos olhar a relação existente entre eles, relação que permite seu mútuo funcionamento.

Foucault usa como exemplo os teatros que colocam em um cenário, em um único espaço, uma série de lugares estranhos uns aos outros. O exemplo do teatro, pode ser comparado a preparação do PIBIDiano/professor e sua atividade, por vezes, suas aulas/propostas de ensino se comparam a uma peça teatral, no momento da aula ‘ele’ se mascara/transveste professor. Conforme falado anteriormente o bolsista, se apropriou de diversas técnicas, termos e rituais treinados nos modos de funcionamento do espaço PIBID, aquele que sabe como organizar sua escrita e raciocínio na lousa, aquele que tem um tom de voz adequado, aquele que tem conhecimento químico, sabe usar as técnicas da didática, aquele que deve se apresentar como amigo, médico, psicólogo, pai, mãe e ainda se colocar na posição de uma autoridade para educar outros.

O espaço olhado como posicionamento em substituição à busca por sua extensão ou a uma localização física, foi produtivo para o trabalho. Entender como os posicionamentos dos pibidianos co-funcionam, foi central para afirmar que o PIBID-Química funciona como a justaposição dos espaços. Uma vez que Foucault propõe a relação do conceito de heterotopia com o tempo, no PIBID há o tempo de participação previsto no edital (24 meses, prorrogáveis por mais 24), mas também está limitado ao período em que o aluno se mantiver efetivamente matriculado no curso de Licenciatura em Química.

A heterotopia PIBIDiana é entendida na pesquisa como de passagem, especialmente como espaço da experiência, que tem um marcador de tempo e de constituição do sujeito e que serve de compensação ao ser projetado como um espaço que simula e se relaciona com as condições do colégio e da universidade, aparentando um ambiente ideal e adequado a formação dos bolsistas enquanto professores melhores.

Ainda é necessário pensar que as heterotopias supõem sempre um sistema de abertura e nesse processo só se adentra em um espaço – heterotópico - após certa permissão ou ao se cumprir rituais que lhes são próprios. Para ser um PIBIDiano os alunos da Licenciatura devem se submeter ao ritual de seleção, devem inscrever-se, entregar seus históricos acadêmicos e responder ao questionário confessando-se desejoso em ser bolsistas. Após essa primeira etapa os candidatos ainda são submetidos a uma entrevista com as coordenadoras e precisam, nesse ritual, mostrarem-se merecedores de ocupar os espaços vacantes. E após adentrar, manter-se nesse espaço, demanda reforçar os rituais e manter um regime discursivo que sustente a heterotopia e suas práticas.

Foucault (2015) chamou de último traço das heterotopias a relação que elas estabelecem ao espaço restante, uma função. A heterotopia PIBIDiana não é o espaço da Universidade, tampouco do Colégio, ele não se refere a uma instituição ao mesmo tempo que é completamente institucionalizado. O espaço heterotópico não pode ser pensado/visto como o espaço do PIBID – não aquele descrito nos editais da CAPES – porque não é esse o espaço que ele ocupa. A heterotopia PIBIDiana, esta sim, permeada por todos esses espaços, mas ela se mascara, transveste-se sempre que procuramos caracterizá-la fortemente. Pensando nisso, é preciso dizer que toda a descrição feita no texto representa fragmentos e sutilezas da heterotopia, pois todas as vezes foi preciso paralisá-la para descrevê-la, e então,

já não se tratava mais do mesmo espaço novos posicionamentos eram estabelecidos e outros modos de ser PIBID/Ap construídos.

PIBID/Química não pôde ser entendido unicamente como espaço planejado, que segue orientações institucionais, contempladas pelo projeto institucional ou orientada pelos objetivos das diretrizes para formação de professores. A heterotopia PIBID produz outros espaços, que coexistem aos espaços e regras institucionalizadas, mas eles não são opostos e não podem ser entendidos separados. Eles funcionam como justaposição de espaços, o funcionamento de um é dependente do outro, “há reverberação dos espaços, uns nos outros” (DEFERT, 2013, p. 37).

O PIBID é um grande ator utópico, quando se trata de projetos, programas e objetivos. Mas mascara-se ao instalar-se em outro espaço, um espaço mais fragmentado e imaginário que se comunicará com o outro. Ao associar o conceito de heterotopia ao de subjetividade dos bolsistas observou-se a estreita relação entre os efeitos do ser PIBID/Química que aparecem de forma recorrente nos discursos, com a projeção de um lugar representado nesses discursos, um lugar onde são outros, um lugar de compensação.

Identificamos a heterotopia PIBIDiana, ao pensar que as culturas se constituem de heterotopias, parafraseando Bauman (1998), cada sociedade produz suas heterotopias, mas cada espécie de sociedade produz sua própria heterotopia e a produz à sua maneira. Elas assumem evidentemente uma forma, e assumem uma função como coloca Foucault (2009), as culturas se constituem por heterotopias e produzem um discurso que funcionam sobre suas regras.

Ao analisar o espaço sob a ótica foucaultiana foi possível conhecer as camadas constituintes da heterotopia PIBID e entender seu funcionamento na produtividade e nos efeitos produzidos pelos posicionamentos estabelecidos no espaço do programa. Os posicionamentos produzem seus significados e mantêm o espaço em constante movimento.

O ESPAÇO HETEROTÓPICO e a formação de professores

Pensar a heterotopia em relação a sua função e compreender como os PIBIDianos se constroem nesse espaço nos leva a pensar como é esse local e como se chega até ele. Foucault (2009), coloca que “não se chega a um

posicionamento heterotópico como a um moinho”, não podemos mapear o caminho como faríamos com um endereço, mas podemos identificá-lo em sua função. Agora, procuramos estabelecer os efeitos do espaço heterotópico ao processo de formação de professores e o ensino de ciências.

Relembrando, que a proposição que norteou a escrita do trabalho está relacionada com a construção do espaço PIBID/Química e como ao participar desse espaço os bolsistas se subjetivam e participam dos discursos que circundam o programa. Essa questão foi pensada ao entender a participação no programa e o cumprimento de seus objetivos, especialmente ao realizar as atividades propostas - estudos, seminários, propostas de ensino, atividades experimentais – esses processos de aprender e fazer foi produzindo um regime de verdades que passa a ser aceito pelo grupo. A partir destas verdades, muitas oposições são criadas, principalmente em relação ao ser um professor melhor, oposição que classifica o aceitável e o não.

Mas a dualidade bom/ruim se estabelece como uma criação que têm como principal função limpar tudo o que é contrário ao institucionalmente desejado, ele busca a pureza de um ensino asséptico com suas acepções modernas de levar o conhecimento a todos da mesma maneira (metapedagogia), ignorando que esse processo acontece em meio ao cotidiano e este é repleto de situações, desejos e imprevistos que comprometem ou modificam os caminhos. Já o que propomos com a heterotopia é romper com a dualidade e liberar a pedagogia, como nos ensina Larossa (2006), não como uma alternativa salvacionista ou melhor do que a que temos, mas como uma pedagogia da multiplicidade. Essa pedagogia recebeu o nome de “Pedagogia Profana”.

Pensando na profanação da pedagogia, ao analisar os estudos e atividades realizadas no grupo PIBID/Ap, concordando com Larossa (2006), ao colocar que os estudos levam consigo “possibilidades de significação que escapam sempre a qualquer controle, e todo [material] pedagogizado arrasta consigo a possibilidade de pôr em questão e de modificar” o espaço no qual está inserido (p. 117). Podemos especificar mais esse pensamento ao assumir que a o ensino de química estudada no grupo ganha contornos particulares e validados pelo grupo

Ainda em Larossa, quando uma área do conhecimento é transformada em disciplina e passa a fazer parte do discurso pedagógico, esse conhecimento fica “submetido a outras regras” e as incorpora. Essas regras são regras didáticas, “dado que todo texto se escolariza do ponto de vista da transmissão-aquisição”,

mas são também regras ideológicas. Ao pensar nos textos de base estudados, eles já são materiais pedagógicos com seus modos de fazer, mas ao serem discutidos no programa são submetidos as regras próprias e aceitas pelos bolsistas.

Podemos observar espaços de produção dessas regras próprias em discussões como a dos excertos a seguir, retirados dos textos entregues pelos bolsistas no relatório anual.

ID5: Vejo o PIBID como um meio de inovar e criar novas possibilidades para o ensino da química na rede pública de educação.

ID7: Vejo [o PIBID] com um auxiliar do professor que também aprende um pouquinho de como é na prática a futura profissão.

Os bolsistas envolvidos e construtores de um modo de ser PIBID/Ap, são coautores das regras e do funcionamento do programa. Criar novas possibilidades para o Ensino de Química que funciona como dispositivos de ser professor que sabem fazer de outros modos o ensino. Como aquele que recebeu a (in)formação necessária para lidar com o ultrapassado e aplicar as melhores técnicas. São produtores de heterotopia!” Eles projetam o que se espera de um professor melhor para o espaço do programa. A heterotopia lhe permite viver os acontecimentos da criação e inovação do Ensino de Química.

Os bolsistas em seus discursos reforçam os posicionamentos, apresentados na seção anterior, de um espaço heterotópico que seja ao mesmo tempo promotor de experiências, valoroso na formação de professores, inovador e que ainda pode corrigir a realidade escolar; esses posicionamentos dão a condição de existência para a heterotopia PIBID/Química que funciona como lugar outro, frente as regras instituídas. Outro na possibilidade de criar e inovar, permite aprender como ser um professor, experimentar a aula de outros modos e como lugar da experiência. Aquela experiência que multiplica singularidades, que permite uma nova sensação a cada tentativa, que nos autoriza um recomeço a cada erro e bane a monotonia do ser professor.

A formação experimentada na heterotopia do PIBID/Ap tem a tarefa de que essa formação específica seja “capaz de pensar o impensável, o intratável, o impossível, o não-pensado do pensamento educacional. Embaralhar a sintaxe e organizar o pensamento numa lógica às avessas, constituindo-se como um pensamento outro da Educação” (CORAZZA, 2002a, p. 31). Pensamento que escape as dualidades modernas e permita a multiplicidade, tanto na formação de professores PIBIDianos como de estratégias de ensino.

Produzir heterotopias no espaço do PIBID/Química permite um “pensamento que ignora as verdades recebidas, metamorfoseia o valor das opiniões estabelecidas, busca suspender e transvalorar o valor de todos os valores herdados (idem). Esse desejo pelo outro modo de ser/fazer professor esteve presente nas falas dos bolsistas.

B4: É tentar experimentar um pouco da aula de um modo diferente, é estar um pouco mais perto da realidade em sala de aula, é aprender de um modo diferente.

B5: Ter um pensamento voltado ao aprendizado e ao ensinamento futuramente, é um modo de encarar uma sala de aula de outra maneira de ver como é simples trabalhar com pessoas aquilo que você gosta (Relatório anual).

B4 e B5, voltam a falar da experiência que o programa oferece como processo de formação do professor/PIBID/Ap. A contribuição de olhar para os discursos produzidos enquanto bolsistas e para as práticas de ensino de ciências como espaços de promover novos acontecimentos e multiplicar as heterotopias está relacionada ao “libertar-se do culto à totalidade, transcendência, dialética, metafísica, humanismo, bem como dos casais de tensões certo/errado, culpa/castigo, bem/mal, morte/vida” (CORAZZA, 2002a, p. 31). Como isso, abandonar o pensamento único e limitante para promover em um mesmo espaço vários posicionamentos. Aproveitando essa justaposição, ao criar as heterotopias tornamos possível as singularidades, nos termos de Larossa (2002), afirmamos o múltiplo e ampliamos as possibilidades.

24

Com a multiplicidade aumentamos a “experiência, portanto, é o espaço em que se desdobra a pluralidade. A experiência produz pluralidade (LARROSA, 2011, p. 17). E com experiência podemos entender os efeitos de ser bolsista e o caráter funcional das heterotopias, essa função se dá em relação ao seu espaço e contornos, relembando:

Ou elas têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada [...] ao pelo contrário, criando um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem arrumado quanto o nosso é desorganizado, maldisposto e confuso. Isso seria a heterotopia não de ilusão, mas de compensação (FOUCAULT, 2015, p. 437).

Nesse caso, ao contrário de denunciar a má formação de professores, o PIBID/Química constrói uma heterotopia de compensação. No programa temos os dois aspectos, a ilusão de uma política pública que possa resolver o problema de

formação e evasão dos cursos de formação de professores. Por outro lado, tem-se a constante busca por modos de ser/fazer para ensinar melhor, busca-se na experiência de conviver na escola com o professor supervisor para criar outros modos de ser professor. A análise do programa compreende a formação de profissionais professores, que ao ser entendida como um espaço heterotópico podem ser pensadas como dimensões conceituais de heterotopia e outros espaços, no qual se destaca o lugar da alteridade, como pluralidade e singularidade das práticas docentes.

A construção de heterotopias no processo de formar professores no PIBID/Química é entendida ao se provocar acontecimentos, e permitir-se ser guiado pelo que acontece, deixando as supostas certezas e os controles do processo de formação marginalizados. Não quer dizer abandonar o planejado e ser guiado unicamente pelos fluxos, mas permitir a flexibilização do caminho e aceitar o ponto de chegada como uma construção que segue os acontecimentos e se guia pelas experiências.

Se o PIBID não fosse constituído de heterotopias, os bolsistas ficariam presos ao mesmo, e o processo de formação os tornariam, com aponta Gallo (2007), policiais “controlando e impedito a aventura do aprendizado”. Mas, ao assumirmos os espaços outros e entendermos a pedagogia como profana e produtora de pluralidades, o espaço PIBID torna-se o espaço da multiplicidade, da possibilidade, da experiência e da singularidade, pois a formação docente é imprecisa e demanda uma gama variada de ações que permitem múltiplas possibilidades. É um aprender e fazer constante, moldado aos acontecimentos

Ensinar é uma arte e, como tal, exige da professora uma postura artística e uma sensibilidade criativa. Ensinar é uma atividade fluída e difusa, que engloba uma diversidade de saberes, atividades e tarefas, o que possibilita, potencialmente, que as professoras exercitem sua autoria no cotidiano de sua prática profissional (PÉREZ, 2007, p. 140).

O quanto de heterotopia será produzido no espaço PIBID/Química depende do quanto seguiremos a sugestão de Foucault, pois criar heterotopias “são desafios que se colocam à frente de todos aqueles interessados em não se deixar levar pelos controles” (VEIGA-NETO, 2007). Para aqueles que aceitam o novo e o desafiante, as heterotopias acontecem como possibilidades. Para deixar o que pensar, finalizamos com Foucault,

o barco é um pedaço de espaço flutuante, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, que é fechado em si e ao mesmo tempo lançado ao infinito do mar [...]. O barco é a heterotopia por excelência. Nas civilizações sem barcos os sonhos se esgotam, a espionagem ali substitui a aventura e a polícia os corsários (FOUCAULT, 2015, p. 438).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CORAZZA, S. M. *Para uma filosofia do inferno na Educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002a.

DEFERT, D. "Heterotopias": tribulações de um conceito entre Veneza, Berlin e Los Angeles. In: FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 edições, 2013. p. 33-55.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escrita, 1998.

FOUCAULT, M. O pensamento do exterior. In: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos III Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 217-242.

FOUCAULT, M. O olho do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2013b. p. 318-343.

FOUCAULT, M. As heterotopias. In: FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013f. p. 19-32.

FOUCAULT, M. O corpo utópico. In: FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1, 2013g.

FOUCAULT, M. Sobre a Geografia. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2013o. p. 244-261.

FOUCAULT, M. Outros espaços. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos III Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 439-440.

GALLO, S. Educação menor: produção de heterotopias no espaço escolar. In: SWAIN, T.; AL, J. *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora UFRG, 2007.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação e Sociedade*, v. v.3, p. 1255-1379, 2010.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo da Veiga-Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEC, M. D. E. PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 2011.

MIRANDA, A. Z.; NAVARRO, P. *Heterotopia e subjetivação: a representação nacional francesa nos discursos do sujeito da educação*. Maringa: Vivens, 2014.

SILVA, T. T. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VEIGA-NETO, A. As duas faces da moeda: heterotopias e amplazamientos curriculares. *Educação em revista*, p. 249-264, 2007.

VERDUM, P. D. L. *O programa PIBID na avaliação dos pesquisadores do campo educacional: um estudo a partir dos trabalhos do Banco de Dissertações e Teses da CAPES e do Endipe (2010- 2012)*. Florianópolis: [s.n.], 2014.

Artigo recebido em: 18 de julho de 2021

Artigo Aprovado em: 01 de dezembro de 2021